



DANIELI HAUTEQUEST

NÚMEROS & SENTIMENTOS

VOLUME 2



Números & Sentimientos

Volume 2

DANIELI HAUTEQUEST

COPYRIGHT © 2017 DANIELI HAUTEQUEST

www.danielihautequest.com.br

LEITURA CRÍTICA | REVISÃO

Priscilla Furlan Hautequest

REVISÃO, ILUSTRAÇÃO, CAPA E PROJETO GRÁFICO

Danieli Hautequest

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Livia Porto Zocco. CRB8 – 5992

Hautequest, Danieli

Números e sentimentos: volume 2 / Danieli Hautequest. - Florianópolis:

Ed. do Autor, 2015.

154 p.

ISBN 978-85-910493-9-4

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – B869

1ª Edição

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meios eletrônicos (e-mail, download, postagem em websites, compartilhamento ou gravação), mecânicos ou fotocópias, assim como modificada, adaptada ou traduzida sem a prévia autorização da autora.
(Lei nº 9.610/98 | Artigo 184 do Código Penal).

AGRADECIMENTOS

A publicação desta história somente foi possível graças às contribuições de:

Adriana F., Bárbara S., Danielle P., Divina M., Elaine C., Joyce E., Priscila O., Thays P. e Wandicleide F.

Quem participaram do **Projeto de Contribuição Coletiva**, lançado em meu website (www.danielihautequest.com.br).

MUITO obrigada pelo importantíssimo apoio e maravilhoso carinho para com meu trabalho.

Um agradecimento especial à minha esposa, **Priscilla Furlan Hautequest**. Inspiração e luz dos meus dias.

A todos os leitores, espero que gostem do **Volume 2 de Números & Sentimentos**.

CAPÍTULO 1

Anette virou-se com cuidado para não acordar a ruiva deitada na cama junto dela. Suavemente puxou as cobertas para cima, até cobrirem inteiramente os ombros lácteos, que ainda descansavam serenamente sobre o colchão macio. Embora a neve tivesse dado uma trégua e a calefação do apartamento deixasse o clima suportável, o frio em Londres era severo.

Antes de se levantar, porém, Anette não resistiu em admirar um pouco mais a jovem insistente e maravilhosamente encantadora. Deu um sorriso carinhoso ao dar-se conta, mais uma entre tantas vezes, de como sua vida mudara.

Desde a noite em que Bridget teve coragem de encurralá-la no Café Cavanaugh e confessar seus sentimentos, embora apavorada, Anette resolveu ousar. Seguiria seu próprio conselho de viver plenamente, até o fim. Afinal, Bridget não só sabia de sua condição, mas entendia o que um envolvimento entre elas poderia resultar.

No momento, era somente descoberta. Troca.

Felicidade.

De uma amizade descontraída de flertes constantes, logo enga-

taram um romance intenso.

Anette sabia que Bridget tinha seus compromissos, trabalho e estudos. Ainda assim, a ruiva trocava seus horários e fazia barganhas com a família e colegas para que pudesse ter mais tempo com a namorada.

Tempo.

Para elas, significava tudo. E nada.

Amedrontador em vista do inevitável. Fugaz dissipado em sentimentos.

Após um suspiro, Anette enfim deixou a cama e se moveu em passos medidos. Com cautela, saiu e fechou a porta do quarto.

— Não esperava te ver tão cedo — Hellen sorriu maliciosamente ao pausar a vitamina que fazia e virar-se para a amiga, quem adentrava a cozinha. — Ainda mais depois da noite passada... — balançou as sobrancelhas sugestivamente.

Anette arregalou os olhos.

Hellen deu uma risada.

— Então quer dizer que foi quente! — riu mais uma vez, com a amiga mordendo a isca.

Vendo que caiu na arapuca, Anette juntou-se a ela na brincadeira.

— Todas as noites são! — seu tom saiu extremamente coquete.

— Uau! Pena que as irmãs de Bridget sejam casadas!

Anette quase cuspiu a água recém-apanhada da torneira, da qual apenas havia dado um gole.

— Cachorra!

— E você, pelo visto, tem uma tigresa.

Anette não entendeu, mas então acompanhou os olhos de

Hellen. Havia marcas de unhas em seus antebraços.

Ficou vermelha.

Hellen, novamente, caiu na risada.

— Acho mesmo que é verdade essa lenda sobre ruivas... — brincou sacana.

Anette somente deu de ombros, com um sorriso matreiro.

— Que coisa é essa de bicho, ruiva e lendas? — as duas se assustaram ao ouvirem de repente Bridget, quem vinha sonolenta pela porta.

— Maluquices de Hellen — Anette se recompôs e foi dar um beijo na namorada. — Ia te levar o café da manhã.

— Desculpe — Bridget beijou o beicinho ensaiado que a outra fazia. — Senti sua falta e estou morrendo de fome. A noite foi deliciosamente desgastante — piscou para Hellen.

A fotógrafa riu sonoramente, mais uma vez.



Elizabeth suspirou e recostou-se mais em sua cadeira. Retirou os óculos de leitura de aros finos e massageou o osso do nariz. Seus olhos se voltaram para a grande janela do escritório e encararam a manhã fria e cinza.

Como das muitas vezes desde que retornaram dos EUA, há duas semanas, sua mente se perdendo em insalubres lembranças...

— *Que história louca é essa?* — Alice indagou irritada, depois de passada a surpresa de ler no tabloide sobre uma possível irmã. — *Joanne deve ter inventado isso para aparecer e ganhar algum com a venda da matéria, não?! — olhou para Eliza-*

beth, incerta.

A mulher mais velha suspirou.

Conseguia ouvir claramente a voz de Daniel a repreendendo.

Suspirou, mais uma vez.

Bastava de segredos.

— Sim, ela provavelmente espera conseguir “algum” com a história... Mas... Não é mentira...

Alice olhava-a, intrigada.

— Como assim? — suas sobrancelhas elevaram em assombro. — O que você sabe sobre isso? — seu tom foi aumentando proporcionalmente à sua indignação.

Elizabeth contou de maneira resumida sobre a investigação, anos atrás, da vida de Joanne e as descobertas sobre seu passado. Inclusive, a existência de uma criança. Disse também a respeito dos demais assuntos revelados, assim como, que, misteriosamente, agora, não tinha mais nada para domá-la.

— Por isso, Joanne se sentiu confiante em ser tão direta e agressiva... — findou em voz cansada.

Alice já tinha olhos cheios d’água.

— Como você pôde esconder isso de mim?

Elizabeth respirou profundamente.

— Tive medo. Ela vendeu a filha para o pai mafioso. Sabia o impacto que teria sobre você, e-

— Não, você sabia o impacto que teria para você! Imagine se a história vazasse quando seu pai controlador ainda estivesse vivo? Iam fuçar mais minha vida, a sua, escancarar seu romance clandestino comigo... Você não contou para se preservar! — Alice acusou ferina.

Elizabeth deixou os ombros caírem, derrotada. Merecia ca-

da palavra.

— *Não sou perfeita, Alice... Você conhece minha história com meu pai. Sabe o quanto arrisquei e fiz coisas que não me orgulho para me manter razoavelmente “bem-vista” por ele... — seu tom saiu sem emoção, sua mente e coração em um lugar gélido.*

Suspirou resignadamente.

— *E sim, você está certa... No começo, minhas ações foram exatamente pelos motivos que apontou. Eram triunfos contra Joanne, caso ela saísse da linha. Mas também, eram coisas que eu não queria que ninguém soubesse... — a verdade vergonhosa veio lhe cortando a garganta impiedosamente. — Só que depois, quando eu realmente aceitei que a amava, não contei nada por medo de que você ficasse fixada nisso e resolvesse procurar por sua irmã. Máfia, Alice. Tem noção do que essa gente é capaz? O que uma pessoa criada nesse meio poderia trazer de bom para você? Já basta uma mãe como Joanne! — dizer o nome da mulher intitulado-a de “mãe” trouxe-lhe gosto de fel. — Sei que agi tremendamente errado, mas colocar você em risco por uma irmã que sequer sabia da existência não era algo a se considerar...*

— *Não era decisão sua... — Alice murmurou confusa e chorosa. Mastigou os lábios por um momento. — Só que... Colocando dessa maneira, confesso que entendo... — apesar de ferida com o segredo, Alice não queria nem imaginar que tipo de complicações o envolvimento com alguém assim poderia trazer para sua vida. Realmente, já bastava Joanne!*

— *Sim, eu sinto muito... — Elizabeth disse sentida. — Em todo caso, parece que Joanne resolveu desvendar o mistério para nós...*

Alice acenou em acordo. Respirou profundamente e deixou o corpo cair sentado na cadeira em frente à mesa do escritório de Marcy.

— Não sei dimensionar o real peso que isso terá para mim... E ainda temos a notícia sobre você, nós... — suspirou pesadamente. — Joanne, mais uma vez, ferrando a minha vida...

Elizabeth sentou-se na cadeira ao lado.

— Não vamos deixá-la se dar bem com isso... E de minha parte, não será um empecilho. Já havia deixado tudo programado com relação a nós na empresa. Serão necessários apenas alguns ajustes...

— Que bom — Alice foi sincera. Pegou a mão de Elizabeth, seus olhos líquidos, firmes nos dela. — Estou triste, magoada... Mais uma vez, você escondeu algo de mim...

Elizabeth assentiu com a cabeça, seu olhar, culpado.

— Sinto muito... — repetiu mortificada. Não havia mais muito que dizer. Doía terrivelmente saber que, novamente, ações suas foram responsáveis pelo sofrimento da mulher que amava.

Alice deu um sorriso agridoce.

— No entanto, sei que vou precisar de você para passar por isso... Sei que a dor de cabeça com Joanne está apenas começando... Só que não posso manter um relacionamento com você se continuar escondendo as coisas de mim, Elizabeth... Preciso confiar em você plenamente... Sei que é leal a mim como sou inteiramente sua... Mas...

— Não há mais nada — Elizabeth foi convicta, olhando-a intensamente. — Todos têm erros do passado que envergonham ou doem expor. Não falamos não por fazer questão de esconder, mas porque são coisas que devem ficar lá, no passa-

do. No entanto, juro a você, por Emily, por minha filha, que não há mais nada relacionado a você ou a gente que eu não tenha te contado...

Elizabeth deu um pequeno salto, assustada ao som repentino do telefone. Atendeu prontamente.

— Sim? — foi informal, era o aparelho para assuntos internos da Dokimos.

— Sou eu, Liz.

— Como você está?

— Acabei de enviar ao seu e-mail os documentos da conta para revisão.

Elizabeth torceu os lábios.

— Não foi isso que perguntei...

Alice suspirou.

— Eu sei. Só que, no momento, é com o que consigo lidar. Sinceramente, não quero me lembrar sobre o assunto agora. Trabalhar me deixa fora disso...

Elizabeth franziu o cenho, mas acenou em acordo, mesmo com Alice não podendo vê-la.

— Entendo. Desculpe...

— Tudo bem... Confirmado o jantar lá em casa mais tarde? — a voz de Alice então soou um tanto quanto ansiosa.

Elizabeth sorriu.

— Combinadíssimo.

— Não demore com a revisão — de volta o tom protocolar de Alice, embora Elizabeth pudesse sentir um sorriso.

— Não sonharia. Estamos com o prazo apertado.

Alice deu um bufo e logo engataram uma conversa rápida sobre a conta em que estavam trabalhando.

Quando Alice desligou, Elizabeth recostou-se na cadeira com um suspiro. Em seguida, mastigou os lábios.

Embora Alice tenha entendido e perdoado mais uma de suas “maneiras equivocadas de cuidar dela”, Elizabeth sabia que a companheira ainda estava magoada e incerta com os eventos que vinham se desenrolando desde então. Havia certa estranheza entre elas. Alice precisava de espaço e Elizabeth vinha deixando que ela conduzisse a aproximação e completa retomada de sua intimidade. O convite para jantar, esperava ser um sinal de que as coisas, enfim, voltariam aos eixos.



Bertha sorriu inadvertidamente ao dar com Christine na copa do Setor Contábil. Fez um aceno de reconhecimento, já que a outra estava ao celular, e foi pegar um café duplo para aplacar o frio das mãos e ajudar os neurônios.

— Sério que elas disseram isso? — Christine riu, tentando não soar alto demais. — Hellen! Você não vale nada! — riu mais uma vez.

Bertha não mais mantinha seu ar jovial.

Seu rosto foi tomado por uma carranca. Um terrível sentimento borbulhava em suas veias e o coração parecia que explodiria de raiva.

Percebendo sua reação, ela tentou se controlar. Precisava. Afinal, foi escolha sua. Christine era somente sua amiga. Não tinha direito algum de ficar com ciúmes...

Ciúmes?

Antes que Bertha novamente pudesse entrar em uma alterca-

ção mental, foram interrompidas por uma Caroline faceira.

— Ei, meninas! Bom encontrar vocês aqui! — disse radiante, vendo que Christine havia acabado a ligação e guardado o celular.

— Se tivéssemos combinado, não teria dado tão certo — Christine foi educada e sorridente, embora ultimamente guardasse ressalvas para com Caroline, sempre monopolizando a atenção de Bertha.

— Verdade! — a relações públicas riu. — Então, não estamos a fim de sair essa noite. Bertha e eu queremos começar o final de semana na calma. Vamos assistir alguns filmes de terror lá em casa, topa? Assim você conhece o lugar e vê que fofo ficou depois da reforma — persuadiu com olhos enormes.

Christine elevou ligeiramente as sobrancelhas em surpresa.

— Ah, adoraria. Mas já marquei compromisso com umas amigas, para mais tarde...

— Ah, que pena — Caroline fez beicinho. Em seguida, abriu um sorriso. — Entre essas amigas está a tal de Hellen? Você tem falado bastante com ela, esses dias... — balançou as sobrancelhas sugestivamente.

Bertha tinha a face vermelha ao tentar manter a calma, dividida entre a vontade masoquista de ouvir a resposta de Christine ou dar uma voadora em Caroline.

— Sim, ela e mais duas outras. Mas pode parar com as gracinhas, Hellen é somente uma amiga... — vendo a cara cética de Caroline, Christine emendou: — à moda antiga. Hellen está num momento complicado, e eu... Bom... Não quero nada do tipo...

— Ah, pena — a RP foi aparentemente sincera. Depois, sorriu maliciosamente. — Mas o coração pode nos pregar peças e cairmos por alguém quando menos esperamos, ou queremos... — seu tom saiu estranhamente vago.

Bertha encenou a típica olhada no relógio.

— Estou atrasada em uns relatórios. Falo com vocês depois — saiu apressada com seu café, esbarrando de leve em uma colega no corredor.

— Tchau, Chris! — Caroline soltou com um aceno de mão, correndo atrás da amiga.

“É... O coração adora pregar peças...” — Christine deu um suspiro.

Desde o jantar na casa de Marcy Helder, aka vaca, Christine tinha aquele peso no coração. Ainda não sabia se era somente dor de cotovelo e ciúme bobamente possessivo por ter visto Bertha aceitando os avanços de Marcy, ou se era realmente algo mais profundo que, no momento, não queria remexer.

Christine olhou para a máquina de café sobre o balcão da copa e inspirou profundamente. O que não daria por uma boa dose de uísque...

CAPÍTULO 2

-Entre! — Alice praticamente puxou Elizabeth para dentro, depois de abrir a porta antes que a mulher mais velha pudesse fazê-lo. Trancou tudo rapidamente e investigou algumas vezes o olho mágico, como se esperasse que a qualquer momento o apartamento pudesse ser arrombado.

— Ei, que aconteceu?! — Elizabeth quis saber, preocupada. Alice havia ligado e pedido que ela fosse mais cedo até sua casa, pois tinha algo importante para conversarem. Suas ações estranhas estavam intrigando Elizabeth grandemente.

Alice expirou o ar de forma exagerada, tentando se acalmar.

— Desculpe — pegou as mãos da mulher mais velha e a puxou para si. Tomou seus lábios num beijo lento, mas completo. Abraçou-se com ela e suspirou.

Elizabeth apertou o contato, sentia Alice tensa, nervosa.

Ficaram algum tempo em silêncio, abraçadas, até Alice suspirar novamente, afrouxar um pouco o enlace e olhar acima à mulher mais velha.

— O que aconteceu? — Elizabeth repetiu a pergunta, ela

também, mais calma.

— Mmm... Meio que sem querer, descobri coisas interessantes sobre minha suposta irmã...

Elizabeth franziu o cenho.

— Meio que sem querer? — seu tom saiu descrente, à medida que era guiada por uma Alice, agora incerta, a sentar com ela no sofá de dois lugares.

— Então... Você me conhece... Mesmo sabendo não ser uma boa ideia, minha cabeça não parou de pensar no assunto... — Alice começou a explicar, sem graça. — Foi então que me lembrei de uns papos estranhos de Joanne, quando eu era pequena. Sempre achei tratar-se de maluquice e maldade dela. Não seria novidade Joanne falar besteiras — sua voz soou amargurada. O passado de ofensas, críticas e pressão psicológica, mesmo depois de tanto tempo, ainda pungente. Até porque, Joanne, sempre que possível, fazia questão de trazer ao presente um pouco do fel.

— E o que você lembrou? — Elizabeth inquiriu interessada.

— Joanne vivia xingando e maldizendo um tal de Niko, “pãoduro que a deixou na merda”, mesmo depois de ela ter feito tanto por ele... Isso ficou na minha cabeça... Quando você me contou conhecer a história de uma possível irmã, disse somente saber que o pai é um figurão da Máfia Russa... Pensei então que o nome que Joanne chamava poderia ser um apelido para Nikolai...

Elizabeth tinha olhos enormes.

— Nikolai Sokolov... — olhou intensamente à namorada. — Não vai me dizer que o pai de sua irmã é Nikolai Dmitrievitch Sokolov?!?

Alice fez uma careta.

— Pois é... Não um figurão. O FIGURÃO... Que sorte, hum?

— Nem brinca com isso! — Elizabeth rebateu irritada, levanta-

tando-se e passando a andar de um lado a outro na frente de Alice.

Parou e a encarou firmemente.

— Como sabe? Como pode ter certeza? Embora ele seja o chefe, seu nome é resguardado. Eu mesma só sei de seu envolvimento com a máfia, porque, fazendo negócios com russos, a gente escuta uma coisa aqui, outra ali...

Alice encarava o chão.

Elizabeth passou uma mão impaciente pelo rosto.

— Alice, o que você fez?

A outra suspirou, enfim olhando-a novamente.

— Algo que me envergonho... — sua voz saiu pequena.

Elizabeth deu uma lufada demorada de ar ao tentar se acalmar, e voltou a sentar-se ao seu lado.

— Conte de uma vez, sim — conseguiu pedir em um tom controlado ensaiado.

Alice meneou em acordo.

— Na Rússia, Nikolai é um nome comum... Precisava de ajuda para tentar descobrir algo mais... E como sabia que você ia ficar chateada e preocupada se eu dissesse que queria ir mais fundo nessa história, procurei um detetive...

Elizabeth balançou a cabeça em desaprovação.

— O meu detetive. Que já havia investigado Joanne antes — pontuou por entre os dentes.

— Sim...

Elizabeth tinha um semblante pedregoso.

— Não me lembro de ter lhe dado o nome, muito menos os contatos de Sullivan — enfatizou, já imaginando o que ouviria.

Novamente, Alice olhou para baixo.

— Eu descobri...

Elizabeth respirou profundamente, tentando conter a indigna-

ção.

— Você investigou meus contatos, quer dizer.

— Sim... Sinto muito...

Elizabeth se levantou outra vez, e passou a agir como anteriormente, os passos em uma coreografia rápida e inquieta.

— Entendo que tivesse receio de falar comigo sobre isso, mas caramba, Alice! Eu poderia ficar chateada, mas você é adulta e pode fazer o que achar melhor para você. Acharíamos uma solução. Eu respeitaria e teria tentado ajudar. Só quero o seu bem. Agora, mexer nas minhas coisas, agir pelas minhas costas... Vive dizendo para não escondermos nada, e me faz isso?! E o Sullivan, hein, que traição!

— Pelo contrário. Ele não aceitou o serviço — Alice foi rápida em clarificar, embora sua voz tenha saído trêmula. — O Sr. Sullivan disse que seria deslealdade com você... Só que como via que eu realmente queria alguém, me indicou uma colega de confiança — Alice assegurou em tom castigado. Apesar de Elizabeth ter sido rancorosa ao emparelhar a situação com coisas do passado recente delas, ela tinha toda razão de ter ficado magoada e irritada. — Me desculpa... Eu errei, eu sei... Isso tudo me tirou o tino...

Elizabeth suspirou.

— Sei que sim. Você não é assim... — sua voz saiu cansada, distante.

Alice mastigou os lábios, enquanto tentava segurar as lágrimas.

Decepção.

Uma terrível constante ultimamente entre elas...



A despeito da empolgação de mais cedo no escritório, quando enfim se reuniram para a sessão de filmes de terror no apartamento de Caroline, Bertha notou a amiga meio desligada. Caroline, sempre medrosa, por várias vezes não se assustou como o esperado às cenas.

— Certo, o que está acontecendo? — Bertha indagou gentil, após pausar *Invocação do Mal* e virar-se para a amiga.

Caroline franziu o cenho.

— Anh...?

Bertha rodou os olhos.

— Sério? Vamos, desembucha.

— Tá maluca, Bertha?

A mulher mais velha olhou Caroline atentamente.

— Para você estar assim reticente... Foi aquele paspalho do Antony, não foi? O que ele aprontou dessa vez? — Caroline vinha saindo com o rapaz, às vezes. Dizia não ser nada sério, mas Bertha achava arriscado demais, justo com alguém que a havia magoado tanto no passado.

Caroline torceu os lábios. Suspirou, encarando o colo.

— Ele desmarcou a ópera de terça, apareceu uma viagem de trabalho...

Bertha tinha um semblante realmente surpreso, que em seguida, ficou sentido pela amiga.

— Você vinha falando nisso há dias...

— Sim...

Embora amasse música clássica, Bertha não era muito fã de ópera.

Suspirou.

O que não fazia pelos amigos...

Sorriu.

— Os ingressos estão com você?

Carolline acenou em acordo.

— Antony ao menos repassou o dele para mim. Vai que eu conseguia alguém para ir junto...

— Pois conseguiu.

Carolline ficou encarando Bertha, sem entender.

A mulher mais velha bufou e rodou os olhos.

Carolline elevou as sobrancelhas, e depois de uns segundos, deu um largo sorriso, enfim compreendendo.

— Sério? Você vai comigo?

Bertha deu de ombros, sorrindo.

Carolline a tomou num abraço.

— Obrigada! — soltou feliz. Então suspirou. — Por que nosso coração às vezes é tão burro? — indagou tristonha, quando se ajeitaram novamente em seus lugares, no sofá.

Bertha deu de ombros.

— Se eu soubesse, já teria me livrado também de várias roubadas...

— Eu bem que poderia me apaixonar por você, já pensou? Se fôssemos um casal, aposto que daríamos super certo. Seria perfeito! — Carolline disse num tom de brincadeira ansioso.

Bertha, quem havia recobrado a bacia de pipoca que colocara na mesinha em frente delas, quase deixou o leite cair.

— Tá besta, Carolline?!?

A outra riu divertida, pegou uma pipoca e tacou na amiga.

— Credo, poderia ao menos fingir que eu seria um bom partido!

— Aff! Chega disso — Bertha decretou, soltando o play do aparelho de Blu-Ray. Logo, os únicos sons da sala eram os do filme e o mastigar de pipocas.

Contudo, desta vez, quem estava distante era Bertha.

Acaso Caroline tivesse falado aquilo tempos atrás, sua taquicardia seria diferente, esperançosa. No momento, Bertha sentia medo do que a amiga pudesse realmente ter sugerido em sua suposta brincadeira, e mais ainda, suas terríveis consequências...



— Vocês não prestam! E eu amo isso! — Bridget declarou em risadas altas. — Vem, Chris. Vamos pegar mais bebidas para ver o que ainda podemos tirar dessas duas! — incitou, ajudando a outra a se levantar do chão da sala de Hellen e Anette.

— É para já! — Christine anuiu, e ainda rindo, foi junto da ruiva pegar mais cervejas na cozinha.

Hellen ficou assistindo-as ir e balançando a cabeça, sorrindo. A noite de bebidas estava ótima. Embora ela somente ficasse no suco ou refrigerante, o encontro era uma maravilha depois da semana corrida que as quatro tiveram.

Anette soltou de repente:

— Quando?

— Quê? — Hellen questionou confusa, virando-se para a amiga, sem entender.

Anette revirou os olhos.

— O jeito que você olha para ela... Até quando, Hellen?

— Anette... — a fotógrafa tentou soar ameaçadora, mas o tom saiu mais como um esguicho culpado.

— Sei que você tem medo de fazer merda... Mas Hellen, garota assim como a Chris é raridade. Vai deixar que a Bertha a fogue de vez? Depois será tarde...

Hellen franziu o cenho, mas antes que pudesse retrucar com algo, calou-se, uma vez que as outras duas retornaram com as bebidas.

CAPÍTULO 3

Daniel vinha a passos lentos, as mãos nos bolsos da calça de brim e um sorriso doce no rosto moreno, enquanto assistia, ainda sem ser notado, à Elizabeth limpando a boca da pequena Emily com um guardanapo de linho. Ao dar-se conta de sua chegada, a menina se levantou da cadeirinha à mesa de café da manhã no átrio, e correu para um abraço.

Daniel pegou-a do chão e elevou a filha risonha para o alto, antes de segurá-la no colo.

— Bom dia, papai! — Emily soltou feliz, ao apertar-lhe o pescoço num forte abraço.

— Bom dia, meu anjo — Daniel deu um beijo estalado na bochecha da menina, tirando dela uma risadinha de contentamento. — Que bom as duas por aqui — olhou para Elizabeth. Embora a satisfação verdadeira com a presença da esposa, elevou uma sobrancelha inquisitiva. Afinal, era para ela estar com Alice.

— Quero ir brincar com a Rosalie — Emily disse, vendo que a babá se aproximava com a caixinha de brinquedos e o tapete.

Daniel estreitou os olhos.

— A senhorita já terminou seu café? — passou um olho rápido em Elizabeth, quem confirmou com um aceno.

— Sim!!! — Emily afirmou sapeca.

— Então pode ir — Daniel a colocou no chão, e logo a menina correu para encontrar com Rosalie, quem já havia colocado o tapete numa parte mais aquecida do átrio e espalhado os brinquedos.

Mãe e pai ficaram assistindo a alegria da filha, até Daniel ir de encontro à Elizabeth e dar-lhe um beijo na bochecha.

— Bom dia, querida — sentou-se na cadeira à frente dela.

— Bom dia. Dormiu bem? — a mulher indagou com um sorriso, antes de bebericar seu café. Agora que não precisavam mais manter segredo de sua real relação, cada um dormia em seu próprio quarto.

— Como um anjo — ele deu um sorriso premiado e serviu-se de chá. — Mas... O que houve? Hoje era sua manhã fora.

Elizabeth deu de ombros, sua expressão, fechando.

— Alice e eu tivemos uma discordância... — seu tom saiu desgostoso e contou a Daniel o ocorrido. — Embora tenhamos conversado e eu a perdoado pelo que aconteceu, ainda estava chateada. Não me senti no clima para dormir lá. Desde o ocorrido nos Estados Unidos que estamos indo devagar...

Daniel engoliu um pedaço de torrada com geleia de tâmara e tomou um gole de chá frutado, antes de pontuar:

— Vocês duas andam meio que se sabotando, hum? Liz, tome cuidado para essas coisas não abrirem um vão entre vocês. Por mais que estivesse aborrecida, poderia ter ficado lá com ela, mesmo que somente para dormirem na mesma cama. Vocês duas erraram com os assuntos não ditos. Não fiquem medindo qual erro foi o mais grave, que merece “maior punição”. Isso é extremamente

tóxico para o relacionamento de vocês.

Elizabeth suspirou, castigada. A sabedoria de Daniel, por vezes, era difícil de lidar.

— Tem razão... — admitiu consternada. — Vou ficar mais atenta e hoje tentarei fazer “emendas”...

Daniel rodou os olhos. Odiava quando ela vinha com essa história de querer compensar suas falhas de maneira tão analítica.

— Você ao menos ficou do lado dela? — cutucou.

Elizabeth torceu os lábios.

— Sim... Apesar dos pesares, a amo, e mesmo não concordando com as ações dela, vou ajudar Alice em sua busca. Conheço-a bem, agora que se decidiu, Alice irá a fundo nisso. Melhor eu estar por dentro de tudo que ela anda fazendo.

Daniel assentiu com a cabeça. Em seguida, franziu o cenho.

— Isso será bem perigoso... Tomem cuidado. Tentem obter informações à distância, por documentos e afins. Fiquem o mais longe possível dessa gente.

Elizabeth suspirou.

— Eu sei, querido... Por isso quero atuar nisso, não deixar Alice se precipitar. Vamos tomar cuidado.

Algo ocorreu a Daniel:

— Alexander é russo, tem muitos contatos. Talvez conheça alguma história ou boato que nos dê uma base para seguirmos adiante nas investigações.

— Não seria perigoso envolvê-lo também?

Daniel fez um gesto displicente com a mão.

— Nem! Além do mais, somos todos família — piscou.

Elizabeth sorriu.

— Tem razão. Vamos marcar um encontro, os quatro, e conversamos. Mas não aqui. Não quero minha mãe envolvida nisso

também, por enquanto.



Bertha vinha apressadamente pela calçada, mas no rosto, tinha um sorrisinho astuto. Foi resolver umas coisas no banco, e na volta para o escritório, ao passar por uma confeitaria, os doces lhe chamaram a atenção. Estavam tão lindos e frescos, que ela não se conteve em comer um deles, e muito menos, fazer um agrado.

Andava matreira balançando a pequena sacola de quitutes, já imaginando a cara encantada de Christine. Entrou no prédio imponente da Dokimos com a rapidez peculiar e cumprimentos polidos aos funcionários, de volta à sua máscara profissional, embora um pequeno sorriso insistisse, sem que ela percebesse, permanecer num canto dos lábios.

Contudo, Bertha teve seus planos adiados. A jovem consultora contábil não estava em sua sala.

Depois de um bico torto, Bertha voltou a sorrir, imaginando que Christine pudesse estar na copa. Imediatamente foi para lá. Ótima ideia. Também precisava de um café.

Sorriu agradada ao ver Christine bebericando de um copo fumegante, de costas para a entrada, enquanto encarava a paisagem de prédios e o céu cinza pela janela.

— Ei — Bertha chamou suavemente, para não assustá-la. Christine parecia perdida em pensamento.

Reconhecendo a voz, a jovem virou-se com um sorriso aberto.

O coração de Bertha, como tantas vezes ultimamente, deu um salto. Não poderia negar o quanto Christine era bela.

— Oi! — a jovem cumprimentou, indo até a cafeteira pegar

mais uma dose. — Quer?

— Sim, por favor — Bertha sorriu amavelmente, encostando-se ao batente do armário e tentando discretamente suprimir o máximo possível a exposição da pequena sacola. — Obrigada — pegou o copo de papel oferecido, com cuidado para não queimar a mão.

Deu um gole tentativo e sorriu ao sabor.

Entre muitas das coisas que amava sobre a Dokimos, uma delas, era o café. Sempre quente e fresco, de uma safra maravilhosa.

Assistia Christine quem também bebericava alegremente o seu. Sorriu conscientemente.

— Acho que esse café ficaria ótimo com isso — mostrou a sacola.

Christine parou o copo a meio caminho da boca, seus olhos no objeto apresentado logo alargando ao reconhecer o nome da confeitaria na sacolinha.

— Para mim? — indagou o óbvio, esperando em expectativa pueril.

A outra somente riu e fez que sim com a cabeça.

— Abra e se delície — Bertha passou-lhe os doces.

Christine rapidamente abriu a sacola e seus olhos pareciam brilhar ainda mais ao verem os quitutes.

— Obrigada! — deu um abraço apertado em Bertha, antes de afoitamente pegar um cupcake. Deu uma mordida e gemeu ao gosto divino. — Mirtilo!

Bertha, quem antes assistia Christine com um sorriso divertido, agora, tinha um olhar ofuscado. Impossível não reparar na resposta de seu corpo aos gemidos de prazer da outra pelo doce, muito menos, não lamber os próprios lábios ao ver Christine passar a ponta da língua nos seus para limpar a geleia do recheio.

A pulsação e a libido de Bertha haviam escalado rapidamente.

No entanto, antes que ela pudesse fazer algo a respeito, o celular de Christine vibrou.

— Com licença — a outra pegou o aparelho de cima da bancada e riu ao abrir a mensagem. — Aff, Hellen mandando gracinhas — riu novamente, ao balançar a cabeça negativamente e colocar o celular de volta no lugar.

Bertha tinha um sorriso amarelo.

— Que meiga — foi irônica e Christine riu de sua segura.

— Não quer um pedaço? Está uma delícia.

Bertha desfez a carranca.

— Não, todo seu. Confesso que comi um na confeitaria.

Christine acenou em acordo antes de dar outra mordida. Desta vez, de maneira mais contida. Tinha reparado no olhar de Bertha, instantes antes da interrupção do celular. Christine havia se segurado duramente para não cruzar o pequeno espaço que as separava e compartilhar com ela a doçura que ainda pousava em seus lábios.

As duas ficaram em silêncio, contemplativas. O desejo de ambas ainda era pesado, o doce e cafés não mais suficientes para distração. Logo os olhares se cruzavam mais vezes, se prendiam por mais tempo.

Bertha se desencostou do armário como se tivesse levado um choque.

— Melhor... Melhor voltar ao trabalho...

— Si-sim...

— Fico feliz que tenha gostado dos doces...

Christine não respondeu, apenas ficou assistindo Bertha deixar a copa, enfim admitindo que a mulher mais velha cada vez mais se enraizava em seu coração.

Olhou para os doces.

Os quitutes seriam uma fuga deliciosamente masoquista, enquanto não queria pensar que estava perdidamente apaixonada por alguém que não queria se arriscar com ela.

No corredor, o coração de Bertha também estava carregado. Tinha que inventar moda! Se não queria nada romântico com Christine, por que ficava mimando-a assim?

Em sua sala, Bertha trancou a porta. Jogou-se sentada na cadeira e a girou, ficando de frente para a janela, o céu, ainda mais encoberto.

Suspirou pesadamente.

Christine era sua amiga... Que mal querer fazer agradados?

Bertha suspirou novamente.

Sabia bem a resposta.

Só estava piorando a situação. Sua reação na copa, perigosíssima. Elas tiveram um contato emocional íntimo demais. Precisavam de espaço até tudo voltar ao normal.

Normal.

O que seria normal entre Christine e ela?

Com certeza, não era a dor que somente pensar em ter que se afastar ainda mais de Christine causava. Muito menos, o desespero que sentia ao imaginar que, enquanto ruminava seu medo e indecisão, poderia abrir espaço e realmente perdê-la.

Hellen...

O coração de Bertha encolheu.

Havia começado a chover.

CAPÍTULO 4

O táxi parou e as buzinas atrás dele não demoraram a soar impacientes. Bertha pagou a corrida e rapidamente saiu do carro, junto de Caroline, a poucos metros do Royal Opera House. Como ocorria em todas as noites em que havia apresentações, a rua encontrava-se caótica com a profusão de carros e pessoas.

As amigas seguiram cuidadosamente em meio a tantos outros que se dirigiam à entrada da imponente casa de espetáculos. Bertha, num vestido preto com brilhos discretos, e Caroline, em um verde-musgo com dourado, misturando-se graciosamente aos outros trajes requintados, comuns ao público daquele tipo de apresentação.

As duas pegaram uma pequena fila e ficaram aguardando a hora de abrirem as cancelas e conseguirem acesso ao hall. Caroline mal continha sua excitação, e Bertha, era a amiga solícita, de sorriso e frases certas, embora, sua mente, e mais ainda, o coração, não estivessem realmente ali.

Será que Christine também gostava de ópera? Não lembrava

se havia perguntado. Sabia que ela adorava balé...

Bertha respirou profundamente, novamente, pega divagando.

— Ei, que foi? Já está entediada? — Caroline indagou com um semblante amuado.

Bertha forçou um sorriso.

— Claro que não. Só não gosto de filas, você sabe — deu de ombros, seu tom, ao final, saindo estudadamente arrogante. Havia se colocado na situação, então, que executasse bem o papel.

Caroline sorriu convencida e, inadvertidamente, enlaçou seu braço com o dela, trazendo a outra para mais perto e recostou a cabeça em seu ombro.

— Obrigada por ter vindo...

Bertha se retesou por um instante, mas ficou inerte. As atitudes de Caroline, cada vez mais ambíguas. Embora não provocassem nela os sentimentos que teriam incitado meses atrás, estava curiosa, não iria negar.

De longe, num táxi parado no congestionamento, Christine tentava segurar as lágrimas.

As duas pareciam um casal.

Mesmo quando Bertha e ela mantinham sua amizade com benefícios, era restrito a certos lugares. Geralmente, fechados. Nunca tiveram contatos carinhosos como aquele...

Afinal, não eram namoradas.

Christine suspirou, e com as costas da mão, secou uma lágrima que teimou em escorrer livremente pelo seu rosto abatido.

Era mesmo sua cara ter a “sorte” de num dia em que ficou até mais tarde trabalhando para não pensar besteira, e pegou um táxi porque estava muito cansada para encarar o metrô, vir a topar com as duas.

Com alívio, Christine percebeu que enfim a fila de carros pas-

sou a se mover, e logo, ela deixava a frente do Royal Opera House, e também, um pouco mais de sua teimosa esperança para trás...



Quando Elizabeth ligou e a chamou para jantar fora, Alice havia ficado extremamente feliz. Não somente pelo convite, mas principalmente com o modo com que Elizabeth se portara. De volta estava sua namorada atenciosa, doce e gentil.

Alice estivera muitíssimo preocupada com os últimos acontecimentos.

As duas, mesmo que sem querer, haviam cometido erros que poderiam desgastar sua relação e levá-las para um caminho perigoso. O que Alice menos queria era abalar seu relacionamento com a mulher que amava, ainda mais, num momento que enfim poderiam vivê-lo plenamente.

Alice sabia que ela mesma estivera sendo difícil. Depois da história nos Estados Unidos, tinha sido um tanto quanto arredia, e isso só serviu para deixá-las reticentes uma com a outra. Elizabeth deveria ter sentido que era o momento de uma intervenção e mudança de atitude para que não caíssem ainda mais naquela armadilha. Alice concordava plenamente e também faria a sua parte para que voltassem à intimidade e confiança que sempre tiveram.

Ao saírem do carro da empresária, a mulher mais jovem não se conteve em sorrir lindamente quando Elizabeth deu-lhe o braço e a conduziu ao interior do Pétrus. Sabiam que seriam assunto de rumores, mas com o processo de divórcio em andamento, e o rela-

cionamento entre Elizabeth e os acionistas em outro patamar, foca não seria algo que ainda as impediria de agirem publicamente como um casal.

O maitre as recebeu com a atenção e simpatia corriqueiras do atendimento no requintado restaurante de comida europeia. Apresentou-lhes o garçom que as serviria àquela noite, quem em seguida, agilmente, guiou-as por entre as mesas até a reservada por elas. Era uma ótima mesa de canto, localização que lhes garantiria certa privacidade, no estabelecimento geralmente cheio.

Assíduas da casa, Alice e Elizabeth logo fizeram seus pedidos, ao passo que o sommelier as ajudava com a escolha do vinho principal e já as servia com o de entrada.

— Perfeito como habitual, Alex — Elizabeth congratulou após um gole estudado.

O homem deu um pequeno sorriso.

— Fico feliz. Tenham uma ótima noite, senhoras — fez um pequeno arco e saiu, igualmente executando sua magia na próxima mesa.

Enquanto aguardava o prato de abertura, o casal conversou animadamente sobre coisas corriqueiras. Elizabeth, divertida, contou a respeito da obra de arte de Emily com um de seus batons. Após algumas risadas, elas se interromperam para começar a degustar o jantar.

Minutos adiante, quando foram retirados os restos das saladas e ficariam no aguardo do prato seguinte, Elizabeth pegou uma das mãos de Alice, sobre a mesa. Sorriu gentilmente.

— Fico feliz de estarmos aqui... Assim — confessou, com um pequeno aperto nos dedos finos longos e quentes, entre os seus.

Alice meneou em acordo, em seu rosto, um sorriso encantado.

— Eu também — abaixou ligeiramente os olhos — desculpe

se não fui muito fácil de lidar ultimamente...

Elizabeth balançou a cabeça em negação.

— Nenhuma das duas foi. Ambas cometemos equívocos. Uma coisa que Daniel aconselhou é que temos que parar de ficar competindo para ver qual deles é maior e quem merece a “punição” mais severa.

Alice fez uma careta. Ele havia chegado à raiz do problema.

— Daniel é terrivelmente certo...

Elizabeth bufou.

— E eu não sei?! É irritante! — riu junto de Alice, aliviada por terem, em acordo tácito, deixado a medição de erros para trás.

— Que ótimo podermos contar com ele.

Elizabeth sorriu amorosamente ao visualizar o amigo.

— Certamente. Mas não espalha, senão vai ficar se achando ainda mais.

Riram novamente.

— Falando em Daniel, ele nos deu uma ideia. Que perguntemos a Alexander se sabe algo sobre você sabe quem... — Elizabeth comentou cuidadosamente.

Alice torceu os lábios.

— Acha prudente? Não é perigoso envolvê-lo nisso também?

Elizabeth deu de ombros.

— Argumentei isso, mas Daniel acha bobagem. Disse que somos família, essas coisas. Talvez Alexander possa ajudar. É russo. Conhece muita gente.

Alice ponderou por uns instantes.

— Tem razão...

— Falei com Daniel que se formos fazer isso, melhor em um local que não seja lá em casa. Não quero que mamãe desconfie, ao menos por enquanto. Não a quero no meio.

— Claro, concordo! Podemos fazer no meu apartamento. Seria mais seguro.

Elizabeth acenou em anuência.

— Vou falar com Daniel e combinamos tudo.



Depois de finalmente conseguir chegar ao seu bairro, Christine nem pensou em retaliar a vontade de descontar sua frustração na comida. Passou num mercadinho perto de casa e comprou um sanduiche enorme de rosbife, refrigerante, sorvete, chocolate e mais algumas porcarias. De tão distraída, a caixa ranzinza teve que chamá-la duas vezes para que fizesse o pagamento das compras e as colocasse nas sacolas.

Depois de deixar o estabelecimento, Christine seguiu no mesmo passo cansado e desanimado até o apartamento. No seu andar, topou com Hellen, quem saía apressada.

— Oi, Chris! — a fotógrafa cumprimentou, mas logo franziu o cenho. — Está tudo bem?

— Oi — Christine ensaiou um sorriso. — Está sim. Só tive um dia daqueles...

Hellen fez uma careta.

— Sei como é. O meu ainda está longe de acabar. Tenho umas fotos noturnas para fazer. Vai lá descansar, e se cuida. Precisando de qualquer coisa, me chama. Boa noite, Chris — foi andando, estava mesmo atrasada.

— Obrigada, Hellen — Christine agradeceu, indo para seu apartamento. — Boa noite.

Como que tendo um clique, Hellen então estancou os passos.

Antes de terminar de abrir a porta, Christine a ouviu perguntar:

— Quer sair comigo amanhã?

Christine conhecia o tom. Sabia do interesse da outra, por mais que Hellen tenha tentado ocultar.

O convite era um marco que poderia mudar tudo.

Sem pensar, sem sentir, sem entender, Christine se ouviu dizer:

— Sim. Adoraria...

— ãnh... Então... Tá... Amanhã combinamos um horário — Hellen ainda não acreditava que teve coragem, muito menos, que o pedido foi aceito.

Christine virou-se para ela, e com um sorriso perfeitamente executado, disse:

— Ficarei aguardando. Boa noite...

— Boa noite...

Dentro do apartamento, encostada à porta fechada, a mente de Christine não conseguia dissolver a imagem de Hellen embasbacada, nem o arrependimento, que já lhe batia insistentemente na consciência.



Não seria a primeira vez que fariam amor no carro, com o motorista separado delas por poucos centímetros e uma parede de isolamento. No entanto, aquela se mostrava uma ocasião especial. Fazia tanto tempo em que não eram espontâneas e despreocupadas.

Não demorariam a voltar ao apartamento de Alice, Elizabeth

não queria longas voltas. Ali, no carro, desejava apenas atíçar o que já estava quase em ebulição. Sem demora, seus dedos levantaram o vestido, afastaram a calcinha delicada e se apossaram de um sexo deliciosamente pronto para ela. Quatro, cinco, seis estocadas, e Alice apertava seus dedos. O gemido abafado no pescoço de Elizabeth, doce vitória.

A viagem seria deveras divertida...



Embora tenham tentado ajeitar os cabelos e vestes antes de saírem às pressas do carro, os rostos corados, e as risadas que se esforçavam em segurar no elevador, denunciavam o estado brincalhão das amantes.

Assim que pararam no andar de Alice, o casal fez o percurso até o apartamento em uma carreira que quase quebrava os padrões de decoro. Depois de abrirem e fecharem a porta, entre risadas e respirações alteradas, os corpos se reencontraram em uma bagunça de beijos, mãos e roupas abertas e afastadas.

Até chegarem à cama, as duas vestiam apenas calcinhas, que logo também foram arrancadas, e os corpos, novamente unidos em pressa, desta vez, sem qualquer barreira.

Elizabeth empurrou Alice no colchão. A mulher mais nova fez um som de surpresa e então soltou uma risada.

— Alguém quer brincar — a loira provocou, sedutoramente abrindo as penas.

Elizabeth estreitou os olhos e fitou descaradamente o que lhe era oferecido. Lambeu os lábios lascivamente e ficou de quatro na cama, engatinhando lentamente sobre a mulher mais nova.

— Não faz ideia... — tomou com a sua a boca de Alice num beijo exigentemente apaixonado.

Depois de um sem fim, o contato cessou para que Elizabeth se ajeitasse, o seu sexo encaixando deliciosamente no de sua parceira. Logo, encontraram um ritmo, o vai-e-vem cada vez mais urgente, até o gozo sublime.

Ao deixar o corpo cair sobre o de Alice, Elizabeth, entre respirações rotas, sorriu.

Ainda teriam um bom tempo até o amanhecer...

CAPÍTULO 5

— **N**ossa, foi tão lindo! Amei, amei! — Carolline contou excitada, enquanto o táxi que as levava para suas respectivas casas aguardava no sinal.

Bertha riu seca.

— Percebi. Não para de falar nisso desde que o espetáculo acabou — cutucou maldosa.

— Ah, me deixa extravasar!

Bertha balançou a cabeça junto de um sorrisinho.

— Estamos perto do meu apartamento. Não quer subir e comer algo? — Carolline indagou após investigar pela janela, um tanto quanto ansiosa.

— Não, obrigada. Está tarde e amanhã será um dia cheio. Fora que o lanche que fizemos no intervalo me deixou satisfeita.

Carolline deu de ombros.

— Não me culpe por ainda estar com fome. Você sabe que eu-

— Fica faminta quando agitada — Bertha a cortou e terminou a frase. — Você já disse isso algumas vezes, também. Com se eu

não conhecesse você...

Carolline bufou.

— Ah, larga de ser chata! — deu um tampinha em seu ombro.

— Ei! — Bertha soltou ao passar teatralmente a mão no local alvejado na brincadeira.

Carolline riu.

— Chegamos, sua violenta — Bertha apontou para a janela com a cabeça, ao passo que o carro se punha mais devagar.

Carolline acenou positivamente.

— Obrigada, mesmo. Adorei — chegou mais perto para o beijo de praxe de despedida. Entretanto, deu-o no canto da boca de Bertha, perigosamente perto de seus lábios. — Obrigada...

A mulher mais velha segurou a respiração, inerte.

Carolline olhava-a intensamente.

— Não quer mesmo subir? — seu tom saiu baixo, rouco e nitidamente convidativo.

Uma pergunta que significava inúmeras coisas. Muitas delas, não mais com a mesma identificação para Bertha.

Um amontoado de cenas e emoções passou pela mente e coração da mulher mais velha.

Carolline. Christine. Seus medos.

Seus reais sentimentos.

Contudo, ao invés de confusa, Bertha Holmes, enfim, via claramente.

Sorriu.

— Não. Não quero... Tenho certeza...

Desnorçada com a reação e implícita rejeição, sem saber o que mais fazer Carolline somente franziu o cenho.

— Certo... Boa noite... — disse sem graça, antes de bater a porta do táxi, ao sair.

Bertha sorriu abertamente.

Sentia-se em paz.

Livre.

Na noite anterior, antes do episódio com Carolline, Bertha havia tido intenção de dormir para se sentir minimamente descansada, na manhã seguinte. No entanto, não conseguiu adormecer tão cedo, e somente, com a ajuda do velho Scotch.

Muitos pensamentos. Muitos sentimentos a serem revistos, ponderados e encarados.

Resoluções.

Em vista disto, suas idas à copa do Setor Contábil estavam mais assíduas que o habitual, aquele dia. Em algumas delas, topou com Christine, linda e cheirosa, de cabelos soltos, em um conjunto de saia e casaco pretos com uma blusa rosa. Porém, nessas mesmas ocasiões, além delas duas, o local tinha outros funcionários não muito chegados de ambas, e sem paciência para conversa inane, Bertha pegou seu café e saiu tão rapidamente quanto entrou.

Porém, não daquela vez.

Christine encontrava-se sozinha bebendo calmamente o líquido quente em frente à janela. Bertha sabia que, quando podia, a mulher mais nova perdia algum tempo em pensamento enquanto os olhos desfocados se perdiam no horizonte cinzento.

— Oi — Christine cumprimentou com um sorriso, ao sentir a presença e virar para a entrada. Fez uma carranca. — Você está péssima. Tudo bem? — soou realmente preocupada.

Bertha bufou. Nada como quebrar o gelo.

— Não dormi muito na noite passada... — franziu o cenho. A expressão de Christine ficou de repente estranha.

— Imagino que a noite com Carolline tenha sido exaustiva — a outra conseguiu dizer por entre um sorriso falso.

Bertha elevou uma sobrancelha, tentando lê-la.

— Sabe como Carolline é. Suga a gente...

Christine parecia que ia ter um treco.

Foram interrompidas pelo seu celular, que vibrou no bolso do casaco.

Bertha torceu os lábios. O aparelho tinha uma estranha cronometragem. Já Christine, suspirou à distração. Vê se ela ia querer saber da nojenta da Carolline “sugando” a Bertha?!

Era uma mensagem de Hellen perguntando se vinte horas estava bom para passar em seu apartamento.

Christine sorriu. Fez questão. Maldosamente.

Respondeu que sim, e que estava aguardando ansiosamente.

Olhou para Bertha, quem assistia a tudo desconfiada.

— Hellen — Christine entregou com um sorrisinho.

— Ah... — a outra soou sem interesse.

Christine rodou os olhos. Bufou, divertida.

— Queria saber se vinte horas estava bom para me pegar, se não era tarde, cedo... Sempre preocupada — somou, rindo.

Bertha elevou as sobrancelhas.

— Vo-vocês irão sair... Digo... Um encontro? — gaguejou.

Bertha Holmes não gaguejava!

Christine deu de ombros.

— Vamos ver no que dá — disse como se não tivesse importância. Jogou o copo de café usado no lixo e foi para a saída. — Espero que você melhore. Cuide-se, sim — e se foi, praticamente saltitando, deixando Bertha estática, no meio da copa.

Em sua sala, Christine fechou a porta e expirou exageradamente. Sentou-se em sua cadeira, os cotovelos na mesa, e apoiou a

cabeça com as mãos.

Agora se sentia péssima.

Olhou para cima ao teto branco em gesso trabalhado.

— O que você está fazendo, Christine...

CAPÍTULO 6

Anette foi à sala atrás de um livro que havia esquecido por lá, e elevou as sobrancelhas ao dar com Hellen olhando a noite através da janela.

— Ei — chamou suavemente para não assustá-la, ao pegar o livro na mesinha de centro.

A outra se virou para a amiga, com um ligeiro sorriso.

— Ei, você.

— Pensei que já tivesse ido — Anette comentou o óbvio.

— Ainda faltam uns minutos. A Chris se atrasou um pouco.

— Ah, tá... — Anette torceu os lábios. — Está tudo bem?

Hellen suspirou.

— Estou preocupada...

Anette bufou.

— Ai, Hellen, vai dar tudo certo. E se não, vai somente sair com uma amiga. Para com esse drama!

Hellen riu sem humor.

— Não é drama. É que... Ponderei algumas coisas...

— Affl. Como o quê? Física quântica? Não, já sei! Que seu es-

tômagô é mesmo sem fundo! — Anette riu.

Hellen permaneceu impassível.

— Foi um erro dar ouvidos aos seus devaneios românticos — soou seca, um tanto quanto severa. — Embora a Chris seja maravilhosa e tenha despertado meu interesse... O que mais irei precisar será de uma boa amiga... — sua voz amoleceu num quase sussurro. — Fora que eu... Eu realmente... Ainda não estou pronta...

Anette ficou séria, não conseguindo esconder o choque e sentimento de culpa.

— Desculpe... Eu... Eu não pensei que você... Que ainda...

As duas permaneceram em silêncio por uns instantes.

Hellen deu de ombros, com um riso irônico.

— O que me conforta é que apesar de a Chris ter aceitado sair, não há firmeza nesse “encontro” — de volta a sua voz normal, em tom de brincadeira.

Anette bufou.

— Bertha.

Hellen sorriu de lado.

— A idiota da Bertha.

Riram as duas.

Por mais que Christine tenha desconversado e tentado não deixar transparecer, sabiam bem que a amizade dela para com a consultora mais velha havia sido diferente da de praxe. Sabiam, também, que as coisas saíram de mão e Christine havia se deixado envolver mais do que gostaria.

Hellen olhou no relógio.

— Hora de ir me divertir! — piscou zombeteira.

Anette sorriu em resposta, e mais ainda, ao receber de Hellen o beijo de despedida na bochecha e um abraço apertado.

— Boa noite! — deu um tchauzinho, quando a outra saía pela

porta.

Assim que Hellen se foi, o sorriso de Anette morreu. Sentou-se no sofá, sua mente indo por caminhos perigosos.

“Ainda não estou pronta...”.

Anette sabia que, daquela vez, a admissão de Hellen teve outro tom. A confissão velada de um sentimento que persistia depois de tanto tempo e acontecimentos dolorosos.

Embora tenha feito de tudo para suprimir qualquer menção, não era de se espantar. Afinal, Hellen sempre sentiu tudo muito intensamente.

Anette se remexeu e pegou o celular no bolso do moletom surrado, que tanto amava. Ficou olhando para o aparelho. Tinha noção de que não era escolha sua. Que estava arriscando muito. Que era um caminho sem volta.

Pensou em Hellen quando em sua partida...

Abriu a agenda secreta.

Um nome. Peso enorme.

Apertou a ligação automática.



Christine estava muitíssimo chateada com ela mesma. Não queria um encontro. Não pelos motivos errados. Com a pessoa errada...

Não era de seu feitio agir tão levemente. Não era de jogar com os sentimentos das pessoas.

Só que Bertha a estava deixando louca!

Sua paixão, o ciúme pela mulher mais velha, fazendo com que perdesse o rumo de suas ações e agisse de forma inconsequente-

mente infantil.

Desculpas fugazes.

A vergonha e a culpa persistiam dolorosamente.

O olhar de Bertha ao ouvir sobre o “encontro”, que na hora havia lhe trazido prazer mesquinho, segundos depois, rasgou o coração por tê-la magoado deliberadamente.

E quanto à Hellen?

Uma amiga, pessoa a quem prezava grandemente. Quem não merecia ser usada como um estepe para um coração ferido...

A campainha fez Christine pular de susto.

Respirou profundamente e tentou controlar o coração agitado. Precisava fazer o que era certo. Precisava ser sincera. Hellen merecia isso...

FIM DA AMOSTRA DO LIVRO

Você gostou?

Compre agora:

Versão Impressa – <https://goo.gl/zcRIux>

Versão eBook Kindle – <https://goo.gl/UZtmiI>

OU

[Veja mais detalhes deste livro no site da autora](#)

SOBRE A AUTORA



DANIELI HAUTEQUEST é uma escritora e ilustradora ítalo-brasileira de ascendência belga apaixonada por violoncelo e artes marciais. Carioca de coração italiano, atualmente reside com a esposa e suas seis filhas felinas em Florianópolis, Santa Catarina.

Licenciada em Letras Português/Inglês e pós-graduada em Tradução de Inglês, possui obras impressas e digitais distribuídas em várias partes do mundo. Artista com trabalhos em pintura, desenho e técnicas mistas. Foi fundadora/administradora do site ABCLes (2008-2015), um dos grandes precursores e fomentador da literatura lésbica online no Brasil.

Tem sete livros publicados: *Números & Sentimentos: Volume 2* (2017), *[In]contadas. – Aquelas que não podem falar dizendo o que não deve ser dito* (2017 | Coletânea/Participação), *Números & Sentimentos: Volume 1* (2015), *Ascensão* (2015), *Despertar* (2011), *Suposições* (2006/2011) e *Elas Contam* (2006 | Coletânea/Participação).

WWW.DANIELIHAUTEQUEST.COM.BR

DANIELI HAUTEQUEST NA REDE



www.danielihautequest.com.br



facebook.com/danieli.hautequest



twitter.com/dhautequest